

Costumes

«VILA DOS CONFINS», de Mário Palmério, é um livro que distrai, prende, tem histórias de pescaria e de bichos numa linguagem muitas vezes gostosa — mas no fim de tudo é triste.

E não podia deixar de ser, porque é, sobretudo, um romance de costumes, e de costumes políticos. Ali está, sem exagero nenhum, a vida política do interior do Brasil contada através de uma eleição municipal.

Quando eu ouço dizer essa beleza de coisa — que o município é a célula mater da Nação — sempre tenho vontade de convocar a Nação para ver a cara de sua progenitora. Ali está ela, fielmente desenhada, essa famosa célula mater, com a desoladora mesquinha de sua política.

Devemos chorar sobre essa realidade? O autor não chora, apenas conta, e nem sequer assume o ar de quem está fazendo sátira: conta apenas, com vivacidade e veracidade, sem romantizar nem caricaturar. É fácil prever para esse livro um êxito duradouro, embora não tenha o mínimo toque lírico ou romântico; ele nasce clássico. Não do ponto de vista literário, porque, embora surpreendente para um principiante, não deixa de ser de um principiante, não deixa de ter aquele indefinível toque de amadorismo. Clássico do ponto de vista sociológico: é um corte da realidade brasileira que se expõe aqui ao sol.

Como esperar que esse deputado federal que é o «mo-cinho» do livro, não porque seja melhor do que algum «bandido», mas apenas porque a história é contada em função dele — como esperar que ele não vote a favor de si mesmo para comprar por 200 contos um automóvel que vale 1.200? Como esperar que ele não se submeta a qualquer general arvorado em salvador da Pátria desde que não dissolva a Câmara, que não o faça perder a cadeira conquistada com tanto esforço, aborrecimento, dinheiro e até risco de vida?

Escrito sem qualquer amargura, e com um certo senso de pitoresco, é este, além do mais, um livro saboroso. Mas tem muita cica...